



# Comunicação 2

diretório acadêmico lupe cotrim - eca - usp 11/70

“É necessário lutar... Como leitores ou jornalistas, por uma imprensa que fale ao povo sem o trair, e que viva, não dêle, mas para êle. Porque é do conhecimento da sujeição que provém a vontade de independência: é do conhecimento da miséria que provém o desejo de justiça; é do conhecimento das amarras que provém o desejo de libertação.”

Jânio de Freitas

A gente está numa escola de comunicações. Certo? Muito bem. Nui somos treinados para comunicar. Aprendemos as regras do uso de comunicação e somos caras geniais. Né?

... no dia 5 de outubro do ano parenta ser setenta, um caso u na redação d'êste jornal. ... os magníficos redatores se dando aulas sôbre emissor, receptor, “feed-back”, denotação, co-notação, etc. (êste etc. engloba teorizações a que os alunos comuns só terão acesso após o curso), quando o responsável pela “secção de Ephemérides” balbuciou com voz tétrica:

— Tá bom. Mas cadê a liberdade nesses troços todos?

Foi um sobressalto (apesar de que essa reação “já era”).

Por um momento, pareceu que alguém tinha metido o pé na porta e nos apontava armas terríveis e fulminantes.

Foi um Deus nos acuda!  
— Falar de liberdade? Pra quê?  
— indagou o nosso tesoureiro enquanto percorria com os dedos um mapa-múndi traçando o roteiro de sua próxima viagem.

Dúvidas do gênero se fizeram ouvir. A redação estremeceu com tal alarido. Uma bomba estourava.

— Deixai-o. Ele não sabe o que diz - Acalmou-nos o nosso “copy-desk”.

Mas a indagação ficou no ar e a palavra maldita tonitroava em nossos cérebros.

E fomos obrigados, por questões de honestidade moral, a escrever um artigo pesado, chato, sôbre problema tão reles: liberdade e censura.

### O artigo

Não nos propomos, de modo algum, a esgotar o assunto (seria muito egoísmo de nossa parte) mas sim levantar para debate alguns problemas básicos da liberdade de expressão.

Nós, como futuros profissionais ligados à comunicação, temos que saber as coisas e discuti-las, sob pena de morrer antes de nascer.

Quem anuncia em jornal, revista, televisão, etc. (isso não é novidade) são as grandes empresas.



## Censura

Já que as maiores empresas são estrangeiras, deduzimos daí que quem financia e conseqüentemente controla os meios de comunicação é gente desinteressada pelo nosso desenvolvimento e pelos nossos problemas. Identificamos, portanto, o controle indireto de tôdas as informações que chegam ao povo.

Pois é.

O capital antinacional parte daí para o controle direto dos meios e fatura cadeias de jornais e revistas, canais de televisão, satélites retransmissores, editoras de livros e periódicos, etc.

Os exemplos dessas negociatas são inúmeros.

Podemos deduzir daqui a quantas anda a liberdade de expressão de interesse nacional (do povo brasileiro). Não bastasse isso, a partir do dia 6 de fevereiro de 1970, vigora portaria baixada pelo Ministério da Justiça que institucionaliza a censura prévia a todos os livros e periódicos. Censura que veio em nome da “defesa da moralidade” que cerceou ainda mais a liberdade de criação.

A portaria recebeu o batismo jurídico de 11-B.

Todo livro, nacional ou estrangeiro, por exemplo, deve ser enviado em três vias às delegacias de polícia. Lá, os especialistas em estética, filosofia, literatura, alemão, sânscrito, bengali e o escambau dirão o que o povo pode ler.

Acorrece que êsse encargo é acumulado às tarefas rotineiras de todo policial. É um absurdo que se explore tão desavergonhadamente um funcionário do Estado que mal tem tempo de ler a “Gazeta Esportiva”.

Quer dizer, além do controle econômico estrangeiro sôbre nossos órgãos de comunicação, além da Lei de Imprensa (vale a pena você dar uma sacada no material que o departamento de Biblioteconomia tem a respeito), além do analfabetismo crônico de nosso povo, ainda por cima se institucionaliza a censura prévia.

Afronta os princípios mais básicos da criação humana.

Que posição nós, alunos de Comunicações e Artes, devemos adotar frente a problemas tão graves?

Fechar os olhos?  
Dar de ombros?

Debater amplamente nossas perspectivas profissionais?

Pesquisar profundamente nossos problemas mais básicos?

Silenciar?

Somos, por definição, uma tribuna de debates que se pretende livre. Não podemos nos omitir, sob pena de pecar por conivência com medidas tão antidemocráticas que cerceiam as liberdades de expressão.

Que fazer?  
Coçar o saco?

## khan-khan



Bichos, é fogo. Um gordo destamano, rebolando, as bagas de suor escorrendo pela máxi-fronte, estilo Einstein, bufando. A maior curtição. Primeiro vamos ao primeiro movimento **alegro sin brio** alcun: o bicho - Ionesco sabe o nome dêle - chegou em cena e transformou-se em macaco, peludo, grande, ameaçador, grunhiu qualquer coisa referente a "per capita quinhenta dolare, anno due mille". A platéia, um banquete de miseráveis, gastou metade da comida em cima do mau ator que precisou retirar-se. Sábado escreveria mais tarde:

"O texto, sem informação nova alguma, primava pela falta de modulação, e seu ator-autor carecia de uma carpintaria própria, empregando, via de regra, chavões e gags a que estávamos acostumados a assistir desde o tempo de Buster Keaton".

O segundo ato só foi representado um ano depois, pois o papel sofreu uma modificação profunda, pra fazer média com a platéia. Segundo movimento: **alegrinho com lantejoulas doiradas**. "O céu azul, nossa vida mais amôres, nossa renda per capita mais alta, tá chovendo nota de cem no meu quintal..."

Sábado escreveria:

"Uma verdadeira declaração de fé no futuro dêste mundo novo, constantemente ameaçado por nuvens negras, com as mesmas características formais que já analisel nestas páginas".

Rebolou, rebolou, tem gôsto pra tudo, acabou agradando.

Primeiro o rapaz chega aqui e diz que vai chover estrume, que assim não dá, o negócio é separar e outras coisas. Todo mundo sério sabia que era verdade e ninguém se apressou a dizer o contrário, a não ser as agências especializadas em vender serviços funerários embalados em côr-de-rosa. (Por sinal que muito bom o anúncio de Marcos Pereira, lembrem-se do "ciclamoto nêle"? Pois é.) Chegou da segunda vez, passeou de aviãozinho, teve uma crise de arrependimento.

"Eu não sabia que o sol era assim."

Tragicômico, como diria NR, um rapaz que nunca amou uma tuberculosa, o modelo dos comerciais da Casa da Banha, deltoiu a falar que agora vai, ninguém segura, Deus é etc... (naturalizado) e todo mundo aplaudiu. Só quem é sério demais é que não meteu o bedelho nessa comédia que começa com grand-gnhol e acaba com vau-deville.

O empresariado (gerência) nacional, como sempre mal informado, recebeu o gordo de braços abertos (haja braços). Depois, tomou uma fubecada e começou a pichar o coitado, ridículo demais. Agora, aceita o cara de nôvo, ama-o e deixa-o falar, desde que fale aquilo que lhe interessa, para vender papel pintado à sua massa de manobra mais mal informada ainda - a crasse mérdia. Haroldo de Campos tem razão: a religião mais nova em Pindorama é um misto de contemplação e burrice: o Zé-Bundismo.



## quiU\$Pa

Ciro, tá legal, se eu não quero pagar taxa no ano que vem devo reclamar na Seção de Alunos.

Como, môço? Não é aqui? Está certo, tá legal, não precisa repetir, eu vou até a secretaria reclamar lá.

Minha senhora, o môço falou que era aqui. Mas se a senhora diz que é na diretoria, tá legal, é na diretoria, e não precisa repetir.

Mas, seu diretor, eu não vou fi-

car chateado não, falou que é na reitoria eu vou lá, e não precisa ficar repetindo.

Olha aqui, mocinha, vê se eu tenho cara de bola de pingue-pongue, mas não tem problema, não precisa repetir.

Seu ministro da Educação, não precisa repetir, só tem um galho: o senhor pode me indicar onde eu tiro passaporte? A única coisa que me deixa chateado é o senhor levar a sério essa história de ame-o ou deixe-o.

Yes, Sir, I understand, but shoot only one time: you don't need to repeat.

## Tempo de Pleonasma

Tôda vez que se enuncia jornalismo vem logo a idéia de jornal. Porém parece não ser essa uma associação muito válida, pelo menos na Escola de Comunicações e Artes da USP. Este ano sairá a primeira turma formada e no entanto, à exceção de alguns meses de publicação precária nunca houve um jornal entregue aos alunos de Jornalismo.

O diretor diz que falta verba. Os professores alegam projetos fantasmas como o lançamento de uma revista, a edição de um semanário e assim por diante. No entanto vivemos a ouvir o que é uma grande reportagem, um lead, sublead, etc. Talvez sejamos muito pretensiosos ao reivindicarmos um jornal para um curso de Jornalismo; afinal, um cirurgião só vai operar mesmo quando se formar.

Já ia me esquecendo: atenção no estilo. Mas se analisarmos mais detidamente a questão veremos que não é tanta pretensão assim. Quando ligamos o rádio ou a televisão, ou abrimos os jornais, estão sempre estampadas as mais otimistas manchetes relacionadas com o arranco brasileiro. Destarte, para acompanharmos o progresso nacional e colaborarmos com a emancipação da imprensa, nada melhor que desde já praticarmos em jornais-pilotos.

Tenho quase a certeza de que ouvidos deliberativos ainda não localizaram, pois, apossados estão de contribuir para o desenvolvimento da Universidade sim como em nos bater, se narão de vez tão vital prof... Queremos um jornal: creio que não é pedir demais. Para o próprio prestígio da Universidade é de suma importância que o curso de Jornalismo ofereça um jornal aos seus alunos.

Um jornal que fosse de seis páginas, simples, discreto, mas que existisse, que fosse impresso, que circulasse. Nós do curso de Jornalismo ambicionamos mais do que tudo um jornal para que possamos ser jornalistas. Pensando bem, não é justo têrmos nossas matérias publicadas em boletins, pobres boletins sem nenhuma periodicidade, se bem que isso não seria de muita gravidade.

Um voto de confiança, uma moção de esperança, mas que se decida o quanto antes um jornal para o curso de Jornalismo. É de difícil crédito a notícia da ausência de um jornal no curso de Jornalismo. Que irão dizer nossos colegas das faculdades co-irmãs, se já não dizem? Precisa ser atendido o insistente apêlo de se dar um jornal ao curso de Jornalismo.

Mais um pouco nós esperamos. Não iremos protestar desorganizadamente. Não queremos que esta nossa súplica seja entendida como uma revolta de jovens idealistas. Apenas almejamos um jornal, um jornal que dê para o gasto. Senhores responsáveis, amigos dos responsáveis, ajudai-nos. Nada mais pediremos, seremos fiéis ao jornal, faremos o impossível para conservá-lo; ninguém conseguirá nos abater.

# o resto nos alfarrábios pa ta ti pa ta tá

americana, se bem que fragmentada pelo regionalismo e um tanto esquemática.

Até 1940. A partir daí persistem muitos dos temas mas com um novo tratamento.

Muito próximo ainda do Regionalismo estão o paraguaio Roa Bastos e o peruano Mario Vargas Llosa-LA CIUDAD E LOS PERROS (1963), onde há uma nova organização espaço-temporal e o monólogo interior que revitaliza a problemática localista.

Ainda com um enfoque regionalista, mas dêle se afastando pela força da imaginação, está Juan Rulfo-PEDRO PARAMO (1955): encerra o tema da revolução mexicana com uma nova perspectiva, sob um prisma individual que transfigura a realidade objetiva num mundo fantasmagórico.

Gabriel García Márquez em CIENTO AÑOS DE SOLEDAD (1967) sem se fixar numa região específica da realidade hispano-americana, mas apresentando uma localidade arquetípica, Macondo, em que mito e história se interpenetram, cria um espaço imaginário que acaba revertendo simbolicamente sobre a realidade latino-americana com seus episódios constantes: revoluções que marcam passo, exploração estrangeira, etc., etc.

Por outro lado, numa linguagem introspectiva, Ernesto Sabato em EL TUNEL (1948) e SOBRE HEROES Y TUMBAS (1962) tenta um "poema metafísico", trabalho com recursos técnicos numa massa heterogênea e caótica que atinge uma visão clara e dolorosa da realidade argentina.

Os três últimos vão quebrando a

linguagem lógico-discursiva da ficção anterior, mas sua arte ainda é em certa medida "ingênua" desde que não se auto-problematiza; pois então, ainda conflam na possibilidade de expressão.

Há uma busca da "obra poética total" que acentua a função poética da linguagem em cima da função referencial. O processo é seguido por Asturias-EL SEÑOR PRESIDENTE (1948) e Carpentier 1966-EL REINO DESTE MUNDO e levado ao ápice pelo cubano José Lezama Lima-PARADISO (1966): empanturramento de recursos retóricos que desviam a atenção do fio narrativo para os meandros da linguagem, acúmulo de recursos estilísticos bastante próximos do Maneirismo que é a exacerbação do sistema lingüístico-expressivo. O estilo é disforme, um "bicho-papão a devorar o mundo".

É o delírio, o desembestamento, a renovação que vai num crescendo de auto-destruição e problematização do real-irreal.

Ai entramos no seguinte negócio: a longa tradição da narrativa fantástica na região do Prata. Há ilustres desconhecidos: desde Holberg no século passado até Macedônio Fernandes que não gostava de escrever e seu livro é um prólogo do prólogo do prólogo e Adolfo Bioy Casares que tem livros de tabelinha com o Borges.

Há então os dois mágicos: Jorge Luis Borges e Julio Cortázar.

Jogar a bomba fica pouco promovedor ao lado do trabalho humilde-genial-sutil das palavras dos dois caras.

A ligação deles é máxima.

É o atual-atuante-contundente.

A imagem labirintica do universo, um espelho do caos, ruas suburbanas que levam ao infinito, casos repetidos que aludem à fugacidade da vida. Um mundo particular e folclórico que introduz à perplexa metafísica de Borges. Há um conto de Cortázar, "A Casa Tomada". Se alguém não está nessa de literatura, toma o conto como uma estorinha que se passou numa estorinha que se passou na pátria argentina e sai satisfeito.

Claro que isso é o mínimo, há muito mais mas nem todos são apocalípticos. Há o primeiro romance dêle LOS PREMIOS (1960), estorinha de uma viagem que fazem pessoas das mais diversas camadas da sociedade argentina; ninguém sabe pra onde vai e quando voltam sem terem ido a lugar nenhum são aconselhados a não abrirem a boca para reclamar. Entendeu? Há mais.

TRES TRISTES TIGRES (1967) de Cabrera Infante escrito em "cubano", um jogo, uma ficção para ser lida em voz alta, uma enorme colagem de vozes da Havana noturna da época de Batista.

Há mais. Há mais.

Recreio: há uns contos de Cortázar bem digestivos. Por exemplo, em HISTÓRIAS DE CRONOPIAS E FAMAS (1962), além da elucidação sobre o que são cronópios, famas e esperanças, há instruções para subir escadas, instruções para dar corda em relógio, tias, alcachôfrs, correios e telégrafos. Tudo muito simples, verídico e cotidiano.

Observação: tentou-se nessa exposição uma colocação superficial e primeira de um quadro de uma estrutura complexa, o da narrativa hispano-americana. A linha tentada foi, a partir de uma descrição diacrônica do que existe, o levantamento de posições essencialmente importantes para a compreensão e atuação do aqui e agora. Repetimos: o tudo foi mostrado de um modo muito frágil, quase se pecando quando termos como "procedimento técnico" e "literatura fantástica" são jogados sem mais detalhação. Enfim estão aqui vários dados que exigem análise funda a que dificilmente chegamos. Mas estamos aí.

A fonte foram as aulas da cadeira de Teoria Literária II do departamento de Letras da USP pelo professor Davi Arrigucci Jr. e posterior entrevista concedida por esse professor.

Deveria ter havido uma palestra desse professor sobre Julio Cortázar, no seminário sobre América Latina realizado na USP em setembro-outubro, 1970; tal palestra não se realizou por absoluta falta de quorum. Ai estamos.

Há gente trabalhando de mansinho. Há uma história secreta dos fatos mas essa já era. Mas há também dados objetivos que introduzem à superfície.

Século XIX. Europa na onda do Romantismo. Em Latino-América, uma primeira narrativa de importância: um romance picaresco. Fruto tardio (o gênero tivera seu apogeu na Espanha barrôca do século XVII) e de influência francesa, pois a Espanha impusera proibições às publicações e circulação de obras de ficção nas colônias.

Ciclo da "novela de la tierra": o mundo geográfico das forças elementares, o mundo do mineiro, do camponês, do índio explorado pelo latifundiário, os pequenos dramas da sociedade provinciana, o choque entre civilização e barbárie, a ditadura, a revolução mexicana, etc., são tratados à maneira do Realismo e Naturalismo francês com maior ou menor impregnação da estética modernista. Descobrimos a realidade histórico-social

## A Sonâmbula

(ou "Reflexões metafóricas e metafísicas de uma jovem cuja meta ainda não está bem delimitada icônica e linearmente")

Meu nome é Gertrudes Patos. Tenho 19 anos, sou solteira, branca, cabelos e olhos castanhos, 1,50 m de altura, do sexo feminino, etc. Fiz o primário, o ginásio e o normal (sou professora) antes de entrar para a ECA.

Ah! eu me esquecia: sou aluna do segundo semestre da Escola de Comunicações e Artes. Aliás, digo 2.º semestre com o maior orgulho: passei em História da Cultura. Não com 10, pois essa seria uma nota deslizando, mas o Lisanti me deu 5 mesmo.

Sinceramente, meu maior sonho sempre foi entrar para a ECA. Desde quando eu balbuciava as minhas primeiras palavras (inclusive, segundo mamãe, a primeira palavra que eu disse foi ECA). "Ora, direis, a ECA só tem quatro anos!" Ao que replicarei: "pois é, vejamos como eu já era precoce".

Mas, como eu dizia, sempre sonhei com a ECA. Até que eu descobri que, para realizar meu sonho, eu deveria prestar os exames VESTIBULARES. Deus, foi como uma ducha fria. Mas mesmo com essa ducha eu continuei dormindo, só que dessa vez com um pesadelo (e nesse pesadelo entrei numa gelada): fiquei excedente (ou melhor, remanescente). As reminiscências de minha remanescente não são

nada agradáveis. Pastei, isto é, pastamos durante cinco meses, andando da Escola à Secretaria da Fazenda, da Secretaria da Fazenda ao Palácio do Governo, deste para o Ministério da Educação, do MEC à..., e assim sucessivamente. Todos nos davam esperanças. E nós remanescentes acabamos por ficar esperançosos.

Em janeiro eu fazia novamente o vestibular. Viva! Passei!

Que maravilha de trote! Matérias com nomes divinos, maravilhosos! OITO matérias com nomes lindos, OITO professores deveras simpáticos. Esses professores simpáticos nos deram trabalhos maravilhosos (trabalhos como: O Surrealismo na Pintura, A Chanchada no Cinema, O Conceito de Trabalho de Locke, adaptação de um conto, fichamento de livros). E provas. E notas. E trabalhos. E provas. E notas baixas. E baixas. CAOS. E depois do caos, exames. Mas não sem antes eu fazer um trabalho com o tema: "O Surrealismo no Cinema e a Chanchada na Pintura, Aplicados ao Conceito Filosófico de Trabalho, Adaptado de um Conto Fichado de Locke". Fiquei locke! Isso sem falar no professor de Inglês que a todo momento dizia: "Locke at the sky!".

Porém, não tenho queixas. Até que o primeiro semestre foi ótima terapia: emagreci 20 quilos. Só temo uma coisa: por estimativa, neste semestre eu deveria emagrecer outros 20. Já foram 10. Mas

isso não mais me preocupa, já tomei providências a respeito. No caso de os prognósticos se reali-

zarem, meu epitáfio já está sendo preparado.

"Jamais pensei que eu deveria, logo de cara, optar por um Campo de atividades". Isso aconteceu no início do 2.º semestre. Eu deveria optar por Comunicações ou Artes. Lanço a pergunta: Devo ser comunicadora ou artista? Deus! To be or not to be? Segundo a Teoria Matemática da Informação, se tenho duas opções (binary digit - bit) e devo optar por uma delas, a coisa ficará assim: to be é "p", not to be, logicamente, é "np".

Em se aplicando à Tabela Verdade, teremos:

p	v	np	Ora, ora! Deu tautologia. Isso significa que eu serei.
V	V	F	
F	V	V	

Eu serei! Eu serei! I will be! Mas o quê? That is the question! Oh! dúvida cruel! Não é pra me gabar não, mas, que eu encontrei a homeostase entrópica, eu encontrei.



## berlinck na berlinda

No dia 12/10 os alunos do segundo ano do curso de Cinema enviaram ao professor Rudá de Andrade, responsável pelo setor, um abaixo-assinado no qual reclamam da orientação global dos cursos técnicos (Fotografia e Sonorização

Cinematográficas) e de sua completa inadequação às condições de formação do profissional e do estudante de Cinema.

Como a questão envolve pontos básicos do curso, é importante fornecer dados claros e definidos da situação:

Em virtude de um impedimento real e evidente de estruturação do curso nos moldes tradicionais (motivado pela falta de professores competentes e disponíveis em várias disciplinas e pela necessidade de utilização de horário e critérios de verificação mais flexíveis, em virtude da particularidade dos trabalhos práticos), o ex-Departamento de Cinema da ECC funcionou até o ano passado, em termos de decisões conjuntas entre professores e alunos.

Os professores se responsabilizaram pelo ensino do instrumental mínimo e assumiram a função de orientadores nas pesquisas práticas e teóricas.

O responsável atual pelos cursos técnicos é o professor José Augusto Matos Berlinck, cujas tendências manifestas e refletidas nos cursos são:

1) eliminação da participação dos alunos nas decisões;

2) regresso ao sistema de horário-aula rigoroso (impraticável, em alguns casos, como laboratório), contrariando as mais elementares descobertas feitas ao longo da experiência prática dos outros

anos;

3) afastamento deliberado dos alunos dos conhecimentos a respeito das técnicas de filmagem, limitando o acesso à informação, em nome de certas exigências que se tornam abstratas e supérfluas.

As consequências imediatas dessas atitudes dentro do curso foram o entrave ao andamento normal dos trabalhos de realização, orientados pelo professor Roberto Santos, e a enorme perda de tempo após três meses de curso intensivo de fotografia não cinematográfica, ainda não existem normas para a utilização de laboratório: uma das características de toda a Escola.

Assim, com o bloqueio às possibilidades abertas por uma estruturação mais moderna, voltada na direção de um centro de pesquisas, e com a impossibilidade prática de instalação de um regime mais ostensivo e hierarquizado dentro de estruturas desligadas da realidade, o Setor de Cinema se transforma, progressivamente, numa máquina burocrática, artificialmente instalada, e atendendo a objetivos perdidos e estranhos aos interesses de formação e participação da maioria dos alunos. Tornam-se, portanto, necessárias discussões menos superficiais que as realizadas, na tentativa de uma nova reformulação de todo o curso, independentemente de reuniões departamentais em torno de distribuição de disciplinas, organograma, etc.

# Histórico da ECA

Quando a Escola de Comunicações começou a funcionar, em 1967, sua estrutura era aparentemente bem diversa da atual.

O primeiro ano na época, sem divisão por semestres ou cursos, tinha dezenove aulas semanais, das quais:

2 de teoria da comunicação

4 de introdução ao curso escolhido no vestibular.

13 de matérias gerais/culturais.

Fins de 1967, a direção da escola (na época, era diretor da escola Júlio Garcia Morejon e vice-diretor o professor Ferri), em estudo com os professores, optou pela implantação da estrutura departamental na escola integrando-a, assim, a priori, na reforma universitária. Na mesma época, concluiu-se pela necessidade do desenvolvimento de um "corpo de pesquisa capaz de legitimar, de um lado, a formação de caráter universitário dos profissionais de comunicação, e, de outro, a formação de pesquisadores no campo das comunicações". (Circular ao diretor e diretores de departamentos enviada pela professora Nelly.) O corpo de pesquisa continua não existindo.

A escola, em 1968, amanheceu departamentalizada.

O que significou isso? Na prática, quase nada. A integração entre professores e matérias continuava mínima, e essa era uma das maiores vantagens esperadas em consequência da departamentalização.

No mesmo processo que fez com que tantas outras escolas e faculdades parassem para fazer um balanço crítico de suas estruturas e falhas, a Escola de Comunicações também parou. Parou para estudar sua estrutura. Os alunos, divididos em grupos de estudo, chegaram a uma nova proposta de estrutura, que, em síntese, é a seguinte:

Os dois primeiros anos seriam considerados básicos, onde se estudariam matérias básicas. Um Núcleo de Planejamento, com a função de integrar as matérias teóricas com as práticas, e as teóricas entre si, uniria esses dois primeiros anos básicos aos dois anos seguintes, dedicados aos cursos específicos e com objetivo duplo: formação profissional e trabalho de pesquisa. Paralelamente, organizar-se-iam cursos de formação cultural, optativos e temporários, pelo regime de crédito.

Na mesma época levantou-se pela primeira vez o problema da Escola de Comunicações não permitir a formação de comunicadores sem especialização em nenhum canal. Ou seja, a formação de teóricos da comunicação ou de pesquisadores não era possível na escola.

Uma especialização a mais, a de Comunicação, foi pleiteada. De resto, a maior preocupação concentrava-se nas matérias ligadas à Comunicação, consideradas escassas e sem nível. Começou-se a falar em diversas matérias até então desconhecidas na escola: teoria da informação, lingüística, cibernética, semiótica, probabilidade, etc.

Começou-se a perceber que "comunicação", em si, não significava quase nada e quase tudo. Começou-se a querer estudar comunicação de fato, e não picaretar um pouco, como se tinha feito até então, com um verniz de psicologia e sociologia.

Os alunos descobriram a "ciência" da comunicação, que inclui a teoria da informação. Esta, para ser seriamente estudada, depende de cálculo de probabilidade, álgebra de Boole e outros ramos da matemática estatística.

A lingüística e a semiótica são importantíssimas para possibilitar compreensões e avaliações justas de comunicação verbal ou visual. A maioria dessas matérias, mesmo que incluídas no currículo, continuam marginalizadas na escola. Algumas foram inseridas à força, em situações contraproducentes, quando faltam aos alunos os pré-requisitos básicos para aproveitá-las, etc. Este é o caso da teoria da informação, dada agora para o quarto ano, quando somente uma parte dos alunos teve num ano anterior estatística.

Outro problema levantado foi a divisão artificial entre matérias de comunicação e matérias culturais. Essa divisão não deve existir; sociologia, por exemplo, não deve ser "cultura geral" para o comunicador, mas sim um dado a mais na análise do processo pelo qual ele é responsável.

Após diversos meses de paralisação, após uma comissão paritária inútil e inúmeros documentos e manifestos, algumas modificações foram introduzidas, outras arquivadas. De fato, o número de matérias e aulas de matérias de comunicação aumentou razoavelmente. A especialização em comunicação foi taxada de irreal e improvável. Os argumentos não chegaram a convencer. De resto, com pequeno jôgo de palavras, a estrutura departamental tornou-se sinônima da estrutura proposta pelos alunos.

A escola terminou mais um ano vivendo alguns incidentes menores. Com um vestibular diferente começou 1969: a opção dos cursos não é mais feita na inscrição ao

vestibular, mas ao final do primeiro ano. Qual o sentido dessa medida? Dar um ano básico e depois "inteirar" os alunos do sentido de cada curso, de sua área profissional, etc. A opção pelo curso também sempre foi bastante discutida: desde o início o curso deve visar à especialização, ou primeiro deve haver um ano básico para que a opção se faça já dentro da escola? Hoje o primeiro ano vive esse problema estrutural: tendo já optado, em agosto, pela área de comunicações ou pela de artes, os alunos que já optaram por um curso são obrigados a assistir a aulas de introdução a cursos que não lhes interessam.

De resto, a estrutura departamental começava a se impor como importante na escola: a integração entre professores continuava quase inexistente, e ainda as intrigas, questões de honra e brigas entre os departamentos se avolumavam.

O clima de competição reinava principalmente entre os departamentos dos cursos "profissionais". Alguns problemas levantados no ano anterior (pequeno número de aulas de comunicação, necessidade de mais professores neste campo, etc.) foram resolvidos ou encaminhados em 1969. Isso não significa que todos os problemas foram resolvidos, que a escola passou a ser ideal. Longe disso os problemas mais importantes (falta de pesquisa, falta de entrosamento entre matérias da mesma área e de área diferentes) continuavam existindo.

A proposta da criação de mais um curso na escola, de Comunicação, para profissionalização nesta área e para incentivo à pesquisa, continuava sendo rejeitada. No final do ano, após intensa campanha de alguns cursos, os alunos do primeiro ano optaram por um curso.

E este ano? Você o está vivendo, já se passaram dez meses, já deu para "sentir o problema", faltam ainda dois meses. É necessário pensar muito, agora que um novo projeto de estrutura para a escola está sendo discutido e brevemente será votado. É importante tentar entender porque a especialização em Comunicação nunca foi aceita, apesar de proposta pelos alunos há já quatro anos. Por que a pesquisa no campo das comunicações não é incentivada? A resposta a isso é vital para todos nós, para a Escola. É importante perceber que a estrutura da escola, nestes quatro anos, somente mudou na forma, que o conteúdo dela permanece inalterado. Por que tudo isso?



# Bilhete a um amigo

O desespero de Chopin em sua Marcha Funébre. O seu sofrimento doentio. O seu amor pela música. A sua necessidade de viver para mostrar, através de suas composições, ao mundo do seu século e posterior, que o sentimento - a bem que-rência - é um dos caminhos que nos levam ao bem viver; êle que lutou contra a morte. Lutou até não poder mais. Morreu tranquilo, após ouvir seu amor-mulher cantar. Morreu algum tempo depois.

O canto da mulher amada deu-lhe forças para resistir e encarar a morte com firmeza.

Hoje, lutamos contra a morte. Hoje estamos vivos porque ainda resta, também, a esperança daqueles que necessitam de amor e paz. E, justamente por carecer destas coisas, é que se entregam à falsidade, a atos vis como exercer pressões sobre aqueles que têm amor pela humanidade.

Vivamos, amigo Vinio. Vivamos para lhes mostrar a força dos Panteras Negras, dos Negros d'Africa, dos Amarelos, dos Verdes, dos Azuis, dos Vermelhos e, como não poderia deixar de dizer, dos Rosa-Choques com estrêlas do Azul Celeste.

Um abraço

"POEMA DE SAIR DO CÍRCULO VICIOSO DA MACIEZ" (CIDA)

Estou vivo porque ainda restam uma idéia a ser fecundada e uma intensa denúncia torturada. Estou vivo porque ainda restam uma realidade ambicionando aparecer e a força da ideologia para converter.

Estou vivo porque ainda restam uma dívida depositada na vingança e uma vontade tornada perseverança.

Estou vivo porque ainda restam um menino correndo em busca de um encontro e um inimaginável convite quase pronto.

Estou vivo porque ainda restam uma música a ser ouvida e uma irreverente sensação pretendida.

Estou vivo porque ainda restam alguns contatos humanos, com gente humana, consciência humana, e atitude humana.

Estou vivo porque ainda restam as reminiscências egocêntricas e o reflorir das mulheres excêntricas. Estou vivo porque ainda restam uma extrema gana de atingir o amanhã e os que esquecem a saudade vã. Estou vivo porque ainda restam o mar todo-poderoso e um final de anseio duvidoso.

Estou vivo porque ainda restam "Satiricon", "Zabriskie Point" e Medéia inflamando a arte promovida atéia. Estou vivo porque ainda restam uma profunda emoção espontânea e o verão barrando a minha insônia.

Estou vivo porque ainda restam o poder da coragem africana e anabru ahllirreug sedenta a. Estou vivo porque ainda restam a inconsciente intenção de cantar e um dinâmico desafio do pensar.

Estou vivo porque ainda restam uma expectativa ante os que continuam silenciosos e os temidos espíritos do puro desejosos.

Estou vivo porque ainda resta um amor em potência voltando para a essência.

Estou vivo porque ainda restam uma ardente luta pela verdade comum e o impulso da discórdia presente em cada um.

Estou vivo porque ainda resta uma possibilidade de loucura e nela uma fonte de procura.

Estou vivo porque ainda resta conhecer a Bahia, candente, nativa; futura alegria.

Estou vivo porque ainda resta a deflagrante poesia, professa e à revelia.

Estou vivo porque ainda restam uma pólvora a ser detonada e uma estrêla descendo minha amada.

Estou vivo porque ainda restam um Vinicius de Moraes e uma pergunta feita a mais.

Estou vivo porque ainda restam uma tentativa otimista de apresentar êstes restos e companheiros solidários repartindo gestos.

Estou vivo porque AINDA RESTO Como homem magro em retirada voltando com repentes imprevisíveis e como ARAUTO DAS LÁGRIMAS vagando entre insensíveis.

PORÉM TAMBÉM AINDA RESTA UMA INAFASTÁVEL NECESSIDADE DE MORRER ADVERTIDA POR ESTA MÁQUINA DE ESCREVER

Você perdeu  
tudo isso, porque  
dormiu até  
tarde nos  
sábados

O Depto. Cultural do Diretório Acadêmico foi reorganizado. Isso se deve em grande parte ao trabalho organizado dos alunos do 1.º ano. Os sábados foram preenchidos com atividades diversificadas visando o debate de temas de caráter geral.

Em síntese eis a programação já desenvolvida graças ao apoio e trabalho de todos os alunos:

- Palestra sobre TECNOLOGIA E HUMANISMO, com o prof. Chasin
- Curtas holandeses
- Curtas canadenses
- Curtas ingleses

COORDENAÇÃO CINEMA-UNIVERSIDADE  
Ciclo-Violência

- O Incidente
- Caçada Humana
- Cinzas e Diamantes
- Alemanha, Ano Zero

Fora do ciclo, O ACÓRDO, com palestra e debate do diretor Ozualdo Candeias.

- ANTICLIMAX (debates com Maurice Capovila, Isidoro Blinkstein e Paulo Emilio Salles Gomes).

- Um Clássico Dois em Casa Nenhum Jôgo Fora (da Escola)

Além dessa programação o D.A. promoveu a venda de ingressos a preços especiais para as seguintes peças de teatro:

- Galileu Galilei
- Don Juan
- Evangelho Segundo Zebedeu
- A Longa Noite de Cristal
- O Arquiteto e o Imperador da Assíria
- Teatro Jornal - Arena

O D.A. financiou a montagem da peça "POST-MERIDIUM" e distribuiu ingressos gratuitos a todos os alunos.

Este jornal, agora em seu segundo número, também é outra atividade que surgiu desse esforço coletivo.

Planeja-se para o próximo ano a edição de uma Revista regular sobre Arte e Comunicação, e ainda a edição do roteiro do filme "Z", especialmente traduzido por Jean-Claude Bernardet e a edição das teses sobre teatro latinoamericano de Juca de Oliveira, apresentadas no México e em Amsterdam.

Tôdas estas realizações foram e estão sendo fruto de um trabalho coletivo e organizado, entretanto aberto às suas críticas, colaborações e participação.

VOCE É O D.A.

# Balanço e perspectivas de um curso

Que espera você de um curso de Teatro? - Esse mesmo que a ECA, na área de Artes, mantém juntamente com Cinema e Música?

Formação profissional em alguma categoria a par, naturalmente, de conhecimentos teóricos e práticos, básicos e específicos, com os quais você poderá posteriormente trabalhar em proveito próprio e da profissão que escolheu.

Foi isso que o curso, cuja primeira turma se forma este ano, forneceu a seus alunos?

Não, isto é, totalmente não. A turma de 1970 é a primeira que sai da Escola e isso explica, se não justifica, a série de problemas que ela enfrentou e que não chegaram a ser satisfatoriamente resolvidos. O principal seria justamente o da profissionalização, pois não é todo mundo que estuda por diletantismo ou amor à arte.

1970 vai formar alunos em teatro, apenas. (Dramaturgia e Crítica, disciplinas básicas desta turma, não dão profissionalização, principalmente a primeira, evidentemente.) E isto porque a movimentação do processamento burocrático para a criação oficial das três categorias profissionais que o curso vai oferecer - Direção - Cenografia e Professorado - foi lenta, emperrada, dificultada, como costuma ser em casos semelhantes. Pequenos obstáculos, não podendo ser resolvidos, terão de ser contornados, como por exemplo o relacionamento com didática especializada no "Professorado", que a Pedagogia quer chamar a si, mas que não tem condições de dar por se tratar de disciplina altamente especializada, na qual é indispensável formação teatral. Nesse sentido foi encontrada uma solução conciliatória que vai beneficiar o curso, sem prejuízo da licenciatura indispensável ao professorado. Esta se

obtem através dos cursos feitos na Psicologia (psicologia da aprendizagem e adolescência) e na Pedagogia (didática, prática de ensino e administração escolar), feitos paralelamente aos 3.º e 4.º anos de Teatro da ECA (uma vez por semana).

Outro problema que afetou a primeira turma foi o de currículos praticamente mudados a cada ano. Isso já se normalizou, e a partir de 1971 os currículos já estarão definitivamente fixados, atendendo o mais possível aos interesses e necessidades dos cursos uma vez que foram elaborados por professores e alunos em reuniões conjuntas e em livres debates.

A falta de ensino prático em algumas disciplinas acentuou bastante a teorização das mesmas, em seu próprio prejuízo - outra deficiência do curso. Decorreu, entretanto, da constante experimentação do que devia ou não ser feito e de como deveria ser feito, bem como da ausência de condições materiais, como, por exemplo, o desaparecimento completo para suas finalidades em que o curso se debateu durante esses quatro anos. Apenas salas de aula e respectivos quadros negros... A mudança da EAD para o pavilhão melhorou um pouco essas condições. Já existe pelo menos onde se fazer exercícios de expressão corporal. Além disso a Escola vai ter agora à sua disposição uma das semi-esferas de concreto existentes ao lado do Pavilhão da Bienal no Ibirapuera, na qual será instalado um teatro (A Bólha) para ser utilizado em todos os tipos de experiências teatrais. Paralelamente há a promessa oficial da construção de um teatro completo, com dependências que abrigarão o próprio curso, num dos terrenos vagos ao lado da própria ECA. Peças dos alunos interessados em dramaturgia (disciplina

constante do curso, embora não profissionalizante) poderão ser ali testadas, com o concurso dos alunos e professores da EAD. Isso não tem sido feito regularmente, por falta de condições materiais inclusive, mas não apenas por isso. Apenas uma peça de aluno foi encenada no ano passado em caráter experimental. O entrosamento entre o curso de Teatro e a EAD é ainda bastante precário, o que talvez se explique pelo fato de ela estar funcionando na USP apenas desde agosto deste ano, mas não se justifica, pois ambas devem-se complementar, aprender a trabalhar em conjunto. Isso, no entanto, será naturalmente solucionado e as próximas turmas já não encontrarão o problema em aberto.

O relacionamento entre os professores e alunos foi sempre muito bom, diga-se de passagem, desde o início do curso. Existe compreensão e boa vontade por parte dos primeiros, o que contribuiu, evidentemente, para se resolver grande parte dos problemas que o curso vem enfrentando. É de presumir-se que continue sempre assim, pois essa forma de proceder parece ter-se tornado uma norma.

Termina aqui o balanço do curso; as perspectivas ficam em aberto, continuam. E tendem a melhorar cada vez mais, principalmente se a área já aberta no curso secundário, onde os professores da ECA poderão atuar, for aumentando e paralelamente cultivando o gosto e o amor pelas coisas de teatro. Atualmente alunos do 4.º ano estão realizando pesquisas junto aos estabelecimentos de ensino secundário, para levantamento do que existe realmente em termos de interesses pelo assunto. (Pela lei de Diretrizes e Bases, teatro é disciplina optativa ou prática educativa na formação de alunos desde o curso primário.) Atualmente vários ginásios da capital e até do interior estão optando por ela. Aumentando esse interesse suas consequências se farão sentir também nas outras categorias profissionais - direção e cenografia. Maior número de espectadores, mais teatros, mais diretores, mais cenógrafos, etc.

Teatro é cultura, é comunicação, é progresso; mas é também esforço, trabalho e compreensão por parte daqueles que o amam.

## Fábula →



Era uma vez uma cobra gulosa. Desde cedo se fizeram notar seus dotes gastronômicos.

No dia em que nasceu foi logo de cara devorando a cegonha e, em seguida, partiu pra cima dos pais.

Sempre comendo bem, dentro em pouco já estava do tamanho de um caminhão e tinha devorado toda a sua família.

O tempo passava, nossa amiga comia cada vez mais. Quando ia ficando velha, notou que tinha comido todos os seres vivos da Terra. Para não morrer de fome, começou a comer a Terra.

E o engraçado é que o nosso ofídio não excrementava.

Quando acabou de digerir nosso ex-planeta, sentiu por um instante uma vaga sensação de solidão, assim um vazio de barriga cheia, mas logo sentiu-se como um astro re-

cém-incorporado à família celeste. Assim sendo, partiu pra cima dos seus irmãos mais próximos, sem demora.

Deus, já prevendo a catástrofe próxima, escondeu-se atrás de uma curva do infinito.

Enquanto isso, a cobrinha comia tudo que havia sobre, dentro e de baixo do espaço. Para matar a fome, e não morrer dela, começou a comer a si própria. Principiou pela cauda e, dentro em pouco... só restava a cabeça.

Devorou, num instante, testa, nariz, e olhos e queixo, até que sobrou somente a boca.

Hesitou, pensou, mas... Zás... lá se foi a boca e, com ela, toda a obra da criação. "Quem tudo quer tudo perde".

## bonecas do esporte

Manchete dos principais jornais do mundo:

Daily Mirror: "Stanley Mathews: That's impossible"

New York Herald: "Communications and Arts School rides again"

Osservatore Romano: "Managgia"

Gazeta do Caxingui: "Finalmente a égua foi lavada!"

O Estado de São Paulo: "Apesar dos esforços de Maluf a ECA venceu!"

Diário Oficial: "Plano Quinquenal do Governo Abreu Sodré começa a funcionar: vitória da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo."

Editorial:

Mesmo sem paridade, mesmo sem aumento, mesmo sem gratificação, mesmo sem os 20%, os jogadores de futebol da ECA conseguiram levar de vencida o time representativo da filosofia.

Irmãos, eu vi!

Irmãos, estive lá!

Irmãos, coragem! (Gentil patrocínio de Gessy Lever.)

Algo de dantesco, de emocionante, aconteceu na praça de esportes do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP para os íntimos).

Essa é a história do jogo...

Aos gritos de paridade, paridade, paridade, adentrou ao campo o time da ECA. Os comandados de Patusca, porém, não se deixaram intimidar pela guerra psicológica movida pela torcida adversária e responderam aos gritos da torcida com uma frase que talvez se torne histórica: "É, mas nós temos camisa nova e vocês não têm!"

**Primeiro tempo:**

Obviamente, o primeiro tempo começou 45 minutos antes do segun-

do e foi uma maravilha, um verdadeiro colírio para os olhos (desculpem o lugar-comum). As gárrulas côres azuis e brancas deslizavam pelo gramado marrom do campo de futebol com o mesmo aplomb de Margot Fonteyn ou de Nijinsky (herói máximo dos jogadores do time).

Era como se o time estivesse jogando ao som da Sinfonia Fantástica do nosso bom e velho Berlioz. Maravilha das maravilhas!

Foi emocionante, perigoso mesmo, assistir-se a êsse terrível primeiro tempo. Logo aos primeiros movimentos o grande levantano (mistura de levantino com baiano) Getúlio Haj, ao atrasar uma bola, de bico, para as mãos do grande e destemido goleiro Luís Patrimonial, mandou-a contra a trave provocando verdadeira frisson na torcida e milhares de palavrões gerados pela fértil imaginação e desbocamento do técnico Paulo Patusca. Porém os nervos de Getúlio e Luís Patrimonial permaneceram como estavam, ou seja, tensos como cordas de piano!

E veio o primeiro gol, nascido de uma brilhante jogada: uma bola rebateu no nariz do centro-avante e foi carambolando, batendo em buracos do campo, na bandeirinha de escanteio, na cabeça de uma formiga que tranqüilamente passava, no cordão da chuteira do juiz, deslocando completamente o goleiro adversário que, diga-se de passagem, estava firmemente seguro junto à trave por uma corda amarrada pelo famoso Antoninho do D.A.

O segundo gol, outra jogada brilhantíssima: ao sair de dentro do rio Pinheiros - onde tinha caído após tomar um pequeno drible - Getúlio Haj bateu uma falta, levantando a bola com bastante efeito contra seu próprio arco. Em desespero de calça, digo, causa, Luís Patrimonial foi obrigado a abandonar a pequena área e dar algumas bordoadas na cabeça do famoso levantano. Na seqüência da

jogada, quando Mário parou a descida de um jogador adversário mostrando-lhe um revólver de cabo de madrepérola "Smith & Wesson" 45, o juiz sofre um desmaio ao perceber que caía em pleno campo o calção do misto quente, digo, bauru, digo, ladeira, do que se aproveitou um avante da Escola de Comunicações e Artes para marcar o segundo gol, após cravar uma faca na jugular do goleiro adversário.

E nada mais houve nesse primeiro tempo.

No segundo tempo os adversários conseguiram marcar o seu gol de honra, aproveitando-se de um descuido de Getúlio Haj que, deixando seu marcador, fugia, correndo desesperadamente, de um uruguaio baixinho e meio careca (??????).

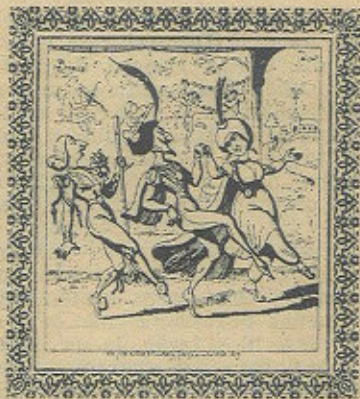
Enfim, caros leitores, a ECA reinicia sua marcha vitoriosa.

Próximo domingo: jogo contra o Instituto Padre Chico. Será um jogo nervoso, difficilimo para a ECA, mas os comandados de Patusca tudo farão para vencer evitando repetir o que aconteceu quando jogaram contra o Lar Escola São Francisco e foram derrotados por 16 a 0.

Alvissaras!

Alvissaras!

Ignácio



## Teatro Jornal

Uma proposição. E, como proposição, válida. Aproveitar o sábado de manhã, em que a gente não tem aula, para ir aonde a escola não chega.

E sábado 26 de setembro aqui na ECA, um grupo de alunos da USP e o Teatro-Jornal: a gente já tá acostumado demais às notícias

que lê no jornal, na revista. E fica insensível. E fica frio. O pessoal sacou êsse troço e, agora, pega as notícias e as dramatiza. O fato adquire uma nova dimensão, quando explode em nossa frente, com roupagens as mais diversas, e só aí fere, machuca, atinge.

O teatro volta à sua função mais simples: trazer à discussão, ventilar os problemas, o todo, que a gente tá vivendo. Nada de elucubrações metafísicas: sou ou não sou? quem sou? como?; nada de requintes, nada de preparo técnico exagerado. Não são necessários grandes dotes, talento, "vocaçào", jeito. Agora é o próprio grupo que vem, simples, claro. É a nossa colocada em xeque, e a proposta de a gente entrar nessa, também participar ativamente do troço.

E o que é o Teatro-Jornal senão a manifestação viva da concepção de Carlos Drummond de Andrade no "Mãos Dadas"? - "O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente".



# ESTUDANTE êsse desempregado

A luta do universitário por um emprego remunerado, se caracteriza por buscas isoladas. E isso vem se constituindo em prejuízo para todos. O campo de trabalho a cada dia se torna mais difícil com a exigência de disponibilidade integral e experiência "mínima de 2 anos", marginalizando e desvalorizando o estudante que precisa do trabalho para se manter na Universidade. Os que aceitam as imposições do empregador acabam por abandonar o curso ou se o fazem pouco aproveitam dele.

"Contatos - Ganhos Altos - não é preciso experiência anterior - meio expediente". Este anúncio estereotipado não deixa de atrair aquele que luta com dificuldades para poder cursar uma escola superior. No mesmo dia o estudante arma-se de coragem, coloca-se dentro da "boa aparência" e vai ao encontro do anunciante. Em sua mente os planos se desenrolam baseados nos "altos ganhos": "comprarei aquele livro que falta, um fichário novo, uma calça mais decente, deixarei de lado os sanduíches do almoço e poderei ir até ao cinema, sem precisar de pedir dinheiro aos velhos".

Na firma empregadora, depois de algumas horas de espera, cai diante da realidade. O que fora anunciado como "contato" nada mais é do que vendas domiciliares de livros, ações ou pesquisas sobre um novo produto a ser lançado.

## ONDE ESTÁ A VERDADE

Uma empresa publicitária em certa época anunciou que estava admitindo estudantes de Comunicações e Publicidade para contatos publicitários. Aqueles que a procuraram foram informados de que o trabalho se resumia na venda de espaço para determinada revista. Para justificar o anúncio, o diretor da firma explica que "o aluno de Comunicações tem maior facilidade de relacionamento e, conseqüentemente, maior interesse em levar o trabalho avante. Estes contatos - continuou o diretor - além de ser comunicações em si, possibilitarão ao interessado travar conhecimento com firmas que futuramente poderão oferecer-lhe um bom emprego".

Nessa explicação você encontra boa vontade, boa intenção ou tão somente o capricho da empresa em poder apresentar aos seus clientes vendedores "de nível universitário"?

A diretoria da PROSELCO, uma das mais antigas agências de seleção de pessoal de São Paulo, entende que a inexperiência e o fato de não poder trabalhar em período integral são os maiores impedimentos à colocação dos universitários. As agências de recrutamento revelam que das centenas de ofertas de empregos apenas 1% não exige prática e período integral.

## SOLUÇÕES POSSÍVEIS

Com referência à possível criação de uma agência de empregos para estudantes, todos os agenciadores se revelaram contrários à idéia. Com certeza teriam muitos interessados no grupo estudantil mas poucas ofertas de trabalho para os que se inscrevessem. As justificativas do possível insucesso são sempre as mesmas: inexperiência, mão de obra não especializada e raras ofertas para trabalho em meio expediente.

Muitos foram de opinião de que a própria Universidade deveria manter uma agência para os universitários carentes de recursos e que estivessem dispostos a trabalhar. Esse pensamento levado aos responsáveis pela ECA recebeu acolhida favorável. Segundo alguns, os alunos de Comunicações não são procurados porque os empregadores não têm conhecimento suficiente do "currículo" da Escola. Uma propaganda explicativa a respeito poderia despertar nas empresas, muito interesse em poder contar com material humano eclético em humanidades. E isso somente a ECA tem possibilidades de fornecer, segundo eles.

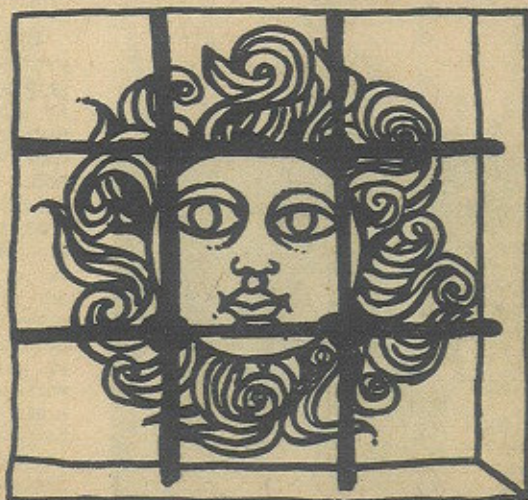
Estes são fatos e idéias para reflexões. O trabalho de todos, agora, é apresentar planos concretos e profundos para modificar o estado em que nos encontramos. Nosso dever é suplantar as barreiras criadas para que não continuemos sendo vítimas da estrutura e para que não leguemos aos que nos sucederem os mesmos problemas.

EQUIPE DE REDAÇÃO DO ÓRGÃO OFICIAL DO D. A.  
LUPE COTRIM — ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E  
ARTES — USP — NOVEMBRO — 1970

adélia - baiano - bernardo - coelho - dan - edécio -  
estela - fernando - gabriel - ignácio - jorginho - lia  
laerte - liber - lea - lello - luis d.a. - luis góia - karin  
marcelo - matilde - moura - neuza - odilon - odonor -  
olga - padilla - rosana - selma - sérgio - silvana -  
silvana - tomé - vinio

## IMPRESSÃO

célio - raimundo - cairbar - mário



## o teatro no peru

Pode-se dizer que, desde os primórdios da colônia, o Peru tem contado com um movimento teatral estável, embora em algumas épocas bastante precário, que tem ido refletindo, no decorrer do tempo, a própria realidade do país, centralizando-se, como é de se supor, na cidade de Lima.

Assim veremos que, durante o período hispânico, tanto ibéricos como nacionais escrevem peças que estão circunscritas a "LOAS" pela chegada do Vice-rei; "PIE-SAS SACRAS", que eram Autos Sacramentais com reformulações autóctones e pequenas peças para comemorar alguns acontecimentos históricos.

Com a Emancipação, os autores e produtores das companhias que se mantinham em nossa capital recorreram a estas mesmas peças, com as conseguintes trocas de nomes, do vice-rei pelo líder do momento, em homenagem aos novos chefes.

Apesar disso, em meados do século passado, nota-se um novo efervescer teatral: é a época do Sainete. Os mesmos acontecimentos políticos apropriaram as "letrillas", "pasquines", "sátiras", em que se comenta, acirradamente, a realidade nacional.

É assim que se cria em nosso meio a comédia de costumes, que imediatamente adquire relêvos próprios.

Cabe destacar Manuel A. Segura e Felipe Pardo y Aliaga entre os principais autores deste gênero.

Segura, de base popular, observa e revela, com fidelidade, o ambiente baixo da cidade com seus personagens típicos, como o sargento de polícia, a velha fofocueira, a viúva do militar, empobrecida, que deseja casar suas filhas, o guarda noturno, a família com aspirações, etc., dos quais faz um bom retrato, ao mesmo tempo que critica a situação instável do país.

Pardo, filho de família acomodada, é mais sutil, de uma formação humanística mais ampla; trabalha melhor o desenvolvimento da trama. Sua formação de crítica é sutil, mas igualmente pungente. Seus personagens pertencem à mesma classe que a sua. São políticos, fazendeiros, militares de

alta patente, magistrados. Comenta os delírios de grandeza destes, suas ambições e desvãos por repartir entre si o poder. Fere-os de tal forma que não se pode deixar de ter pena deles.

Com a chegada do novo século, grupos de autores menores vão aparecendo, e, embora tendo um êxito relativo, não alcançam grande notoriedade. O público prefere os espetáculos que vêm da Europa. Sobem os preços, reduz-se a quantidade de público. São as classes elevadas que assistem ao teatro. Vão ver e são vistos. É assim que começam as grandes temporadas teatrais em Lima. O público não quer mais saber de seus problemas. Acaba de sair de uma guerra que quer esquecer. A "Belle Époque" chega com atraso ao nosso país e com ela as grandes companhias teatrais e líricas italianas, espanholas e francesas. Sara Bernhardt recebe uma interminável ovação, depois da "Dama das Camélias" que só termina quando é levada ao hotel num coche puxado por jovens da sociedade, no meio do escândalo geral.

Na segunda década deste século, um grupo de estudantes peruanos na Espanha, decide fundar uma instituição que revelasse os valores hispânicos de nossa cultura. E assim como à sua volta, criam a Associação de Artistas Amadores, entidade que atualmente é a mais antiga, no seu gênero, em nossa capital. Apresentam obras do teatro clássico europeu, de preferência espanhol, do Século de Ouro. Os anos trinta e parte dos quarenta vêem o nascimento de autores de influência européia. Os temas de suas obras quase não têm nada a ver com nossa realidade. O cinema tem suplantado o teatro; é mais econômico e atrai mais por sua novidade técnica.

Cria-se a Escola de Arte Escênica, com elementos da Companhia de Margarita Xirgu; aparecem promoções de atôres, cada vez com uma melhor técnica, embora o público seja pouco afeito a assistir a espetáculos nacionais.

O Estado intervém, com mais boa fé do que planejamento, organiza temporadas gratuitas em salas e ao ar livre. Durante quase dez anos o público pode assistir ao teatro, de graça. Acostuma-se a ele muito depressa. Uma vez que os grupos se acrescentam e começam a ter vida própria, não podem atrair este mesmo público às platéias. Ele não quer pagar. O Estado finalmente corta a ajuda econômica, que com o tempo havia passado para mãos suspeitas. Os grupos se fazem independentes e vão penosamente criando um novo público entre os estudantes.

Ao mesmo tempo surge gente jovem que começa a estudar com seriedade a realidade teatral do país: atôres, diretores e cenógrafos viajam para ver de perto o acontecimento teatral, de preferência dos países latino-americanos, e conhecer o seu movimento cultural.

O público estudantil dá resultado; saem dele amadores que se contrapõem aos cânones criados pelos grupos maiores. Quase tacitamente o título é aceito - Teatro Jovem Peruano.

Faz sete anos que estes grupos, cada um com uma concepção própria, levam à cena o que representa para eles a própria realidade, fazem gala de sua pobreza, não recebem subvenções de ninguém e por isso se sentem livres.

De toda forma é conveniente dizer que ainda não se pode falar de uma geração já que recentemente se criou a Mesa Permanente de Autores Peruanos, que por sua vez estuda em equipe a realidade nacional para logo transpô-la ao texto.

Os resultados estão se vendo: esses grupos jovens constroem seus próprios locais com o produto de suas entradas; trazem diretores de outros países para montar obras de prestígio internacional que estejam de acordo com a temática peruana, se auto abastecem de material técnico e, inclusive, preparam e formam seu pessoal artístico e técnico.

Isso, a grandes traços, pode dar uma idéia do que é e do que há gerando o movimento atual em nosso país.

Carlos Padilla Pardo

## o evangelho segundo zebedeu

Explorando uma das mais intrigantes situações artísticas, qual seja a de artista circense, o Teatro do XI apresenta "O Evangelho Segundo Zebedeu", de César Vieira. São universitários da S. Francisco como personagens do circo Irmãos Tibério, que se propõem a nos mostrar como foi a guerra de Canudos. A importância de cada artista no circo determina seu papel na epopéia, apresentada sob um aspecto de evangelho sertanejo. A personagem de Antônio Conselheiro, por motivo do não comparecimento de Bibi Gestas, a quem normalmente cabia o papel, será interpretada por Vicente, artista convidado. No decorrer do drama, Vicente contesta as falas sopradas pelo ponto (Chico Tibério) sob as



escusas de Zeca Tibério (dono do circo) que alega ser simplesmente um descuido do artista principiante. De qualquer modo, de tal forma, Vicente altera as falas, que estas conscientizam alguns elementos do circo do clima de opressão, injustiça e repressão à verdade de que são vítimas no circo, este representado então como um resumo do mundo. No final revoltam-se Vouques, o palhaço, representante do povo, Vicente, uma das bailarinas e o próprio Zebedeu, autor da peça no circo, que como intelectual não tem a mesma importância de alguém economicamente mais favorecido e assim também faz papel de povo. Revoltam-se sob os olhares medrosos e conformados dos demais, que ficam e fazem com que o circo volte à "normalidade". Com a direção de Silney Siqueira, músicas de Murillo Alvarenga, expressão corporal de Ruth Rachou e figurinos de Anchieta, garantimos que você, que assistirá, reconhecerá seu papel dentro da peça.

# LE CORVO

QUEIJO DO PENTAL GANIRIO

COCORICÓO!!!

Sim, "O Corvo" está de volta. Tal como esperávamos, o primeiro número provocou autêntica sensação nos meios intelectuais. Nossa equipe de redatores estava calmamente jogando palitinho e refazendo-se de mais uma ressaca, quando começaram a chover cartas à redação. Salientamos as cartas da Diretoria da Gafieira Elite, Presidência da Escola de Samba Acadêmicos do Buraco Quente, Clube dos Alcoólatras Não Anônimos, Associação das Bichas Anônimas, Sindicato dos Proprietários de Bordéis e Similares, e Tradição, Família e Propriedade. Infelizmente não podemos publicar essas cartas, pois já foram utilizadas para outros fins.

Mas "O Corvo" continuará, com toda a sobriedade - hic... - a batalhar pelos altos ideais - hic! - por você, você... - hic! Ah, e você também, ô cara, pô!!! - Hic! Hic!

## A AGÊNCIA DE PUBLICIDADE DE "O CORVO"

(Estamos no escritório da Reclamex Publicidade, onde os novos filmes estão sendo exibidos para os clientes).

— Senhores, aqui está nosso filme do Dentifricio Dentex.



(Filme) (Surge o apresentador:) Amigo telespectador, você já reparou que quando você chega perto das pessoas elas fazem uma careta e vão embora? Então... (gritando, de dedo em riste:) Você! Você tem mau hálito!!!! Livre-se desse seu bafo de cebola usando dentifricio Dentex! (Começa a escovar os dentes e, com a escova na boca, diz:) Hum, isto é que é dentifricio... o resto é uma porcaria...

— Este filme não está meio agressivo?

— Ora, a agressividade é uma imposição na publicidade atual. Para os outdoors bolamos duas fotografias, uma de uma velha desdentada e outra da Raquel Welch. Sob a primeira estará o texto: "Você é assim!" e sob a segunda: "Eu sou assim porque uso Dentex!"

— Persuasivo, mesmo.

— Mas veja só o filme do queijo Ramso.

(Filme) (Aparece uma dona-de-casa:) Eu sempre como esse queijo aqui porque é gostoso. (Narrador, berrando:) Isso mesmo! Queijo Ramso é... o melhor!



— Muito esquemático, não acha?

— Nada disso! A simplicidade é a maior virtude desse filme. Afinal, uma dona-de-casa não vai entender mensagens sofisticadas; é preciso ver a que faixa de público se destina a mensagem. Por falar nisso veja só o filme da Cêra Encerex.

(Filme) (Uma dona-de-casa, de tamancos, com um lenço na cabeça, ajoelhada e esfregando o assoalho. Ela diz:) Esta cêra faz o assoalho brilhar, brilhar e brilhar! Faça como eu e esfregue no chão a Cêra Encerex. (Narrador, gritando:) Cêra Encerex é a melhor!

— Será que esse filme não apresenta algum erro psicológico?

— Ora, Você viu só a redundância do "brilhar e brilhar"? Isso garante a eficiência da mensagem. Mas veja só o filme desta margarina:

(Filme) (Uma dona-de-casa passando margarina no pão:) Em matéria de margarina, eu só exijo uma marca... (comendo o pão:) Porque é a melhor e imita muito bem a manteiga... Hum, hum! Eu recuso imitação. Quero esta mes-

mo. (Narrador, gritando:) De fato! Isso mesmo!!!

— Não está faltando alguma coisa? A marca da margarina, por exemplo?

— Ah, você reparou... bem... na verdade isso foi um lapso deplorável de nossa parte. Vamos refazer esse filme. Mas como é mesmo a marca dessa margarina?... Deixa prá lá. Agora veja isto: para o público jovem, bolamos um filme bem pra-frente, que anuncia e ao mesmo tempo...

— Promove.

— Ah, sim, promove ao mesmo tempo o desodorante Cheirex e a loção Caspex.

(Filme) (Surgem dois namorados. Ele diz:) Meu bem, eu trouxe procê o legitimo desodorante Cheirex porque você, hein, pô! Cheira igual a jogador de futebol no fim do jôgo! (Ela diz:) Bacanex, mora! E eu trouxe procê a loção Caspex porque você com essa sua caspa, hein, parei!!! (Abraçam-se. Ouve-se Silvio César cantando:)

Cheirex e Caspex, pra você que é prafrentex!

— Muito atual! Vibrante!

— Mas veja só o filme de Risadal.



(Filme) (Surge um velho barbudo e despenteado com a mão na cabeça!) Ai, ai, ai, que ressaca! Uhhh! Já tomei Alka-Sonsa e não adiantou nada... (Vomita ruidosamente. O narrador diz:) Isso é porque você não exigiu o legitimo Risadal, aquele com envelope côr-de-abóbora! Com Risadal você pode encher a cara outra vez!

continua na última página

— Puxa, êsse é direto, mesmo!  
 — Bastante objetivo, não é? Melhor ainda estava o filme do laxativo Disparada, que mostrava o sujeito tomando o laxativo no banheiro e dizendo: "Já estou aqui porque "Disparada" é eficiente mesmo"! E o narrador dizia: "Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje! Disparada, o laxativo em ritmo 2001!" E o filme terminava coma a música do filme "2001", aquela dos bumbos tum, tum, tum! Lindo, não? Mas, infelizmente, houve um problema de laboratório e perdemos o filme.

— Como assim? Tôdas as cópias?  
 — Você já viu filme reversível com mais de uma cópia?  
 — Que? Reversível?  
 — Claro! Você queria filme de 8 mm em negativo?  
 — Mas... 8mm...?  
 — É lógico! O público nem percebe a diferença! Nos usamos filme de vinte ASA e o resultado, como você vê, é ótimo. Só tenho vontade de experimentar êsse tal filme Pancromático, que nem sei pra que serve, mas dizem que é melhor que o monocramático que nós usamos.

— Pois é... mas eu notei que o som não está grande coisa...  
 — De fato, essa gravação magnética do Filmosound não chega a ter muita fidelidade. Mas o que você cê queria? Estéreo? Ora, o público nem nota. Mas agora conseguimos um nôvo cliente, o Rum Chreozothado. E já bolamos um filme genial: passa-se num bonde da Light e um dos passageiros canta: "Veja, ilustre telespectador, o garboso passageiro que está a meu lado. E, no entanto, acredite, quase morreu de bronquite..."

— Parece-me familiar... mas onde vocês vão conseguir um bonde para filmar isso?

— Ué... não tinha pensado nisso... eis aí um problema...

#### CLASSICOS LITERARIOS DE O CORVO: O QUELSO DO PENTAL GANIRIO

Tu és o quelso do pental ganirio  
 Saltando as rimpas do fermim calério  
 Carpindo as taipas do furor salirio  
 Nos rúblos calos do pijon sidério.  
 És o Bartólio no bocal empireo  
 Que ruge e passa no festão sitério  
 Em ticotelo do partano estírio  
 Rompendo as gambas do hartomogenério.  
 Teus belos olhos, que têm barlancantes  
 São carmençurias que carquejam lantes  
 Nas duas pélias do pegal balônio.  
 São carmentórios de um cárcê metálico  
 De lúrias pelas em que balsa Obálico  
 Em vertimbáceas do pintal Perônio.

#### THE HARPING BOONT

The old dame piked for a chigrel nook  
 For gorms for her ball beljeemer;  
 The gorms had shied,  
 The nook was stung,  
 And the ball beljeemer  
 Was neemer.

atenção...

superfestival

ALÔ VOLKSWAGEM, FORD, COCA COLA, SHELL, GENERAL MOTORS, ETC!!!

O CORVO resolveu fazer uma deferência especial e abrir êste espaço para publicidade. Mesmo porque, por problemas de diagramação, sobraram êstes 12 cm, e além disso, estamos precisando urgentemente de um tutu extra, pois um almôço no bar da escola não fica em menos de três contos. Tratar no horário comercial, etc.

O CORVO, sempre na vanguarda das mais importantes manifestações culturais, tem a honra e a satisfação de apresentar o conspícuo FESTIVAL DO LUGAR COMUM. Os leitores deverão selecionar os maiores lugares-comuns e colocá-los na caixa de colaborações do jornal (de preferência tendo antes o cuidado de escrevê-los num papel). O vencedor receberá o conspícuo troféu. ("Não tenho palavras para agradecer".) Portanto, mãos à obra!

## Galeria de Arte de "O CORVO"

